

Seleções do reader 's digest e a construção da imagem da américa latina.

Mary Anne Junqueira*

O meu objetivo neste trabalho é apresentar parte de um trabalho de pesquisa mais amplo que trata de como a revista *Seleções do Reader's Digest* apresentou a América Latina, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria. Esta revista foi um enorme sucesso de público no Brasil. *Seleções* era a versão brasileira da revista norte-americana *The Reader's Digest*, revista que fez um enorme sucesso nos Estados Unidos e ainda hoje é a revista mais lida naquele país.

The Reader's Digest norte-americano nasceu em 1922 nos Estados Unidos. Era uma revista bastante peculiar, já que era construída apenas por textos, não trazia uma foto sequer numa época em que outras publicações já se tornavam atraentes pelo uso da foto, como era o caso da *Life*. E não possuía um editoria normal como a maioria das revistas conhecidas. O *Digest* era construído a partir de artigos já editados por outros jornais e revistas. Dessa maneira, o *Digest* norte-americano era mais um laboratório de leitura, onde vários editores liam artigos em outros periódicos, selecionavam o que consideravam de "interesse universal" e depois resumiam dando o formato exclusivo do *Digest*¹.

É possível encontrar ainda hoje nos sebos de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba outras capitais e cidades do interior vários exemplares dos anos 40, 50 e 60. Não é difícil encontrar pessoas que mantêm em suas casas coleções completadas da revista cuidadosamente encadernadas. É mais fácil encontrar *Seleções* nos sebos e casas de família, que revistas como *O Cruzeiro ou Manchete*. Dessa forma, percebe-se como esta revista fez parte do cotidiano dos lares brasileiros, principalmente no país do pós-guerra.

Para se entender a versão brasileira, *Seleções* foi preciso conhecer um pouco a matriz norte-americana *The Reader's Digest*. O idealizador da revista nos Estados Unidos, DeWitt

* Doutouranda em História da América pelo Deptº de Historia da Universidade de São Paulo.

¹ Sobre a História do Reader's Digest, ver: HESENRY, John. *Tireirs Was The Kingdom*. Lila and DeWitt Wallace and the Story of the Reader's Digest. New York/London/ W.W. Norton & Company, 1993. CANMNG, Peter. *American Dreamers. The Wallaces and Reader s Digest: An Insider's Story*. New York, Si~n & Schuster, 1996. WOOD, James Playsted. *OJLasting Interested. The Sory oJThe Reader's Digest*. New York, Doubleday & Company, 1967.

Wallace, era um homem que havia nascido no Oeste dos Estados Unidos, era filho de pastor protestante e casou-se com uma mulher da mesma origem. Wallace nasceu no século passado e passou a sua infância e adolescência num momento de virada da História norteamericana, em relação ao seu Oeste. Até o final do século passado, o Leste dos Estados Unidos era considerado a parte culta do país, a que tinha recebido maior influência européia, e por isso ali permaneceriam comportamentos aristocráticos e sofisticados.

Pois bem, o povo do Leste acabara por desenvolver um preconceito com relação ao Oeste, entendido como caipira e rude, sem qualquer sofisticação cultural. No final do século passado, o Oeste começava a reagir contra esse preconceito. Até então exposições universais e outros programas eram sempre realizados no Leste. Em 1893 haveria uma exposição em homenagem a Cristóvão Colombo que mais uma vez estava programada para acontecer no Leste. Alguns estados do Oeste intervieram e a exposição que tratava de Colombo foi realizada em Chicago, cidade do Oeste que já procurava estar relacionada à modernidade desde o final do século passado².

Nesta exposição um historiador até então desconhecido, chamado Frederick Jackson Turner, iria virar as interpretações históricas até então em vigência nos Estados Unidos, com a apresentação de um ensaio de título *The Significance the Frontier in American History*. Para ele, o desenvolvimento norte-americano, se explicava não pelo embate entre norte e sul e o fim da escravidão; mas antes de tudo, pela ocupação do Oeste. Segundo Turner, era na fronteira - a linha móvel e imaginária - que movia-se em direção ao Oeste, que o pioneiro fazia-se por si mesmo, tornando-se apto para democracia. Para este autor, a fronteira era o lugar de mais rápida americanização do imigrante³ e em homem de classe média. Turner acabava de colocar o Oeste nos estudos norte-americanos⁴. A partir de então fundou-se um campo de estudos chamado de História do Oeste e que ainda hoje debate o trabalho de Turners⁵.

O fato da exposição ter acontecido em Chicago e também o fato de Turner apresentar um ensaio tão importante hoje para a historiografia norteamericana demonstrava, o peso que o Oeste passava a ter e, mais que isso, como este mesmo Oeste estava entranhado no imaginário social

² Sobre a cidade de Chicago e a sua relação com a modernidade no final do século XIX, ver WARNER, Sam Bass Jr. *Building a Nation of Cities, in The Urban Wilderness. A History of The American City*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1995.

³ TURNER, Frederic Jackson. "The Significance of the Frontier in American History *In: Frontier, History and Section*. New Mexico, University of New Mexico Press, 1933.

⁴ Sobre Turner e a virada do Oeste no século passado, ver: HOFSTADER, Richard. *Los Historiadores Progresistas. Turner, Beard, Parrington*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

⁵ Para dois autores que se destacam na História do Oeste, ver SLOTKIN, Richard. *Regeneration Through Violence. The Mythology of The American Frontier, 1600-1860. 1973 e Fatal Environment. The Myth of The Frontier in The Age of Industrialization 1800-1890. 1985* e LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. New York/London, W. W. Norton & Company. 1988.

norte-americano⁶. A idéia do Oeste está presente desde a colonização e assumia uma força impressionante no século XIX, com a freqüente propaganda do governo a fim de povoar os território ainda desocupados ou que estavam sendo comprados ou conquistados dos espanhóis.

Para se ter idéia, os tipos nacionais norte-americanos estão relacionados ao Oeste. Primeiro eram os caçadores e negociantes de pele, que vão passar para a literatura. Os mais conhecidos foram David Crocket e Daniel Boone. Depois vão aparecer o pioneiro, o farmer e o cowboy. Sempre enfatizando o homem comum que construía a América e a pequena propriedade.

É certo que este imaginário sobre o Oeste sofreu várias mudanças durante o século XIX e XX, mas ele ainda está presente na vida dos norte-americanos. A confirmação está aí na enorme quantidade de filmes de *westerns* que Hollywood produziu. Nestes filmes, o Oeste é sempre um mito de origem da nação. Transforma-se assim em algo de gênero épico, onde a construção dos Estados Unidos como identidade está relacionada à fronteira, aos pioneiros e ao Oeste em geral.

Por que tratar de tudo isso, para comentar uma revista que teve sucesso durante o século XX, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial? Porque é impossível entender como *Seleções do Reader's Digest* apresenta a América Latina se não se acompanha esse imaginário do Oeste e o mito da fronteira. Para entender o *Digest* é preciso entender a vinculação de DeWitt Wallace com esse mundo do Oeste. Ele era um homem nascido e criado no Oeste, passou a sua infância e adolescência vivendo a virada do Oeste dentro dos Estados Unidos.

Dessa maneira, *The Reader's Digest* foi um meio de comunicação que procurou sempre fazer permanecer essa América ingênua do período da fronteira. Produziu um incontável número de artigos tratando dos homens da fronteira, dos intrépidos pioneiros. De personagens lendários como o próprio Daniel Boone, David Crocket, Bufallo Bill.

Em 1922 *The Reader's Digest* era editada em *New York*, mas logo eles se mudaram para Pleasantville, cidade próxima de Nova York, mas que segundo eles não oferecia a movimentação da grande cidade e onde eles podiam cultivar os hábitos mais "puros" relacionados com o interior do país, com o Oeste. Durante a Segunda Guerra Mundial o *Digest* tornava-se uma publicação internacional. Em 1938 foi lançada uma versão na Inglaterra. Em 1940, nos países da América Latina de língua espanhola e depois da Guerra na França, Itália, Bélgica, Suécia, Espanha, Portugal, Japão, China, Turquia e Egito. Em todos estes países, o *Digest* foi um sucesso impressionante de público. A única exceção ficou com o mundo de cultura árabe: a revista foi lida pelos muçulmanos apenas durante a Guerra.

⁶ BACZCKO, Bronislaw. "Imaginação Social", in Enciclopédia Einaudi, v 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

Aqui no Brasil a revista entrou em 1942, a pedido de Nelson Rockefeller que nesta época estava trabalhando na América Latina, a pedido do Secretário de Estado Cordell Hull, em nome da política da Boa Vizinhança. O objetivo desta política era evitar a influência alemã em todo o hemisfério. Os Estados Unidos temiam principalmente os países da América do Sul que possuíam colônias alemãs consideráveis como era o caso do Brasil, Argentina e Chile⁷.

A revista brasileira apareceu em 1942, logo após o ataque de Pearl Harbor, e percebe-se que os primeiros exemplares foram adequados para servir à política da Boa Vizinhança. Neste período, os países da América do Norte, América Central e América do Sul eram vistos como nações irmãs que estavam juntas na mesma empreitada contra o inimigo nazista.

Seleções era uma seleção de artigos do Digest norte-americano traduzidos para o português. De qualquer forma, havia cuidados com relação à penetração da revista para o público brasileiro, a maior demonstração disso, foi o fato da revista evitar os artigos que tratassem de controle de natalidade e até de questões como o aborto. Estes temas eram caros ao Digest desde o início, mas os estrategistas em marketing da publicação sabiam que podiam ter reações contrárias de um público católico. O objetivo era não ferir sensibilidades, evitando a rejeição do público que eles queriam atingir: a classe média. Com isso, pode-se notar que a penetração do Digest não foi feita de cima para baixo, impositivamente. Estudou-se e foi uma penetração cercada de cuidados em consideração ao público que se queria atingir.

No período da Segunda Guerra Mundial a primeira coisa que chama atenção é a preocupação com as questões territoriais principalmente com a América do Sul. Há uma espécie de consciência geográfica do tamanho da América do Sul. O fato do Brasil ter uma das maiores fronteiras, ligação com quase todos os países da América do Sul. Mas, acima, de tudo a constatação de que grande parte dos territórios não só da América do Sul, mas também da América Central permaneciam desocupadas. E aí a relação com o Oeste norte-americano aparecia constantemente direta ou indiretamente. Veja o que diz a revista sobre a América do Sul.

"Oitenta por cento, talvez, de todos os americanos do Sul vivem à beira mar, e as ricas terras do interior permanecem desertas na sua imensidade" (Seleções - nov/46 - p. 4).

Este é o caso também da América Central. Veja o relato de um outro viajante que atravessou de carro a Pan American Highway. Rodovia construída nos 40, que ia do México à Colômbia. O título do artigo era: Rodovia Através dos Séculos.

⁷ Sobre a Política da Boa Vizinhança, ver: PRADO, Maria Lígia C. "Ser ou não Ser um Bom Vizinho: América Latina e Estados Unidos Durante a Guerra", in *Revista USP - Dossiê 50 anos de Fim da Segunda Guerra*. São Paulo, Univ. São Paulo, jun/ago, 1995. MOURA, Gerson. *Tio Sam Chega ao Brasil. A Penetração Cultural Americana*. SP, Brasiliense, 1993. GANNIM, Roberto. *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo, Símbolo, 1977.

"Percorremos a distância através de florestas atoleiros e montanhas brutas... carregávamos nossa própria comida e água e em uma memorável noite compartilhamos a casa úmida e suja de uma família indígena. A vida humana é tão primitiva quanto a terra. Cidades e vilas fundadas pela colonização espanhola eram bloqueadas por montanhas e antes da existência da estrada, eles nunca tinham visto uma roda, sequer carro de boi. Os índios pulavam como coelhos ao lado do nosso carro" (Digest – set/41 / p 38).

Estes excertos demonstram que tanto a América Central como o interior da América do Sul eram vistos não só como lugares vazios, mas também como lugares primitivos. Era a virgin land, o wilderness, lugar onde a fronteira e a civilização ainda não tinha chegado. A relação com o Oeste é imediata. Veja o que eles falam da Amazônia:

"Esta terra é como o Oeste norte-americano há séculos. Animais bravios e índios. Desembarcar aqui, até mesmo próximo de Manaus como estamos, é atrair uma chuva de flechas envenenadas (Seleções - nov/51 - p 27).

Não só o território é primitivo, mas também os habitantes eram vistos como atrasados. Veja um outro excerto, onde eles tratam da Colômbia:

"Que é que você faria, e como faria, para levar o progresso a uma nação de nove milhões de almas encurraladas em vales fechados, e com as cidades isoladas umas das outras por formidáveis cordilheiras. Como é que você introduziria o século XX no seio dum povo que a geografia tem aprisionado até hoje nos moldes mentais do XVIII" (Seleções -jan/46 - p 25).

Quer dizer a relação é direta: território inculto (natureza não transformada pelo homem) e homem atrasado. Homem da época da colonização. Mais uma vez a relação é com o Oeste nos Estados Unidos, que no imaginário norte-americano começa a ser civilizado após a Independência no final do século XVIII e se completa até o final do século XIX.

E aqui no Brasil? Qual era o imaginário corrente no período para que se aceitasse uma visão tal da América Latina? Em primeiro lugar, já faz quase dois séculos que o Brasil procura se separar da América Latina. Desde a Independência há uma cisão entre uma América Latina republicana e um Brasil monárquico⁸. É um imaginário que muitas vezes é retomado e reforçado. Com isso podemos dizer que o brasileiro não se sentia e não se sente latino-americano. Quando a revista Seleções fala dessa gente primitiva e passiva - o leitor de classe média brasileiro sente que a revista está falando de uma Outra gente e não dele mesmo.

Quanto ao imaginário do Oeste presente na revista, é impossível não o relacionar com a Marcha para o Oeste de Getúlio Vargas. Nesta época, o Brasil era visto como desconhecido pelos próprios brasileiros. Nos anos 40 acontecia a expedição Roncador-Xingu feita pelos irmãos Villas Boas - e que foi contada como uma saga. Algo heróico. A construção de um país. Muito se escreveu nos anos 30 e 40 sobre a Marcha para o Oeste. O que mais se destacou foi famoso livro de

⁸ Sobre o discurso de separação existente entre o Brasil e a América Latina desde o período a Independência, ver: GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos: O instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional", In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 1, 1988 e MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria. Imaginação Geográfica e Política Externa no Brasil (1808 - 1912)*. SP, Unesp/Moderna, 1997.

Cassiano Ricardo, de título *A Marcha para o Oeste* em que a penetração do Brasil pelas bandeiras foi apresentada como uma saga. Uma mitologia. Segundo Cassiano Ricardo, impunha-se eliminar os vácuos demográficos e fazer com que a fronteira econômica coincidissem com as fronteiras políticas⁹. Ou seja, de alguma maneira, o diagnóstico de uma América Latina despovoada, coincidia com o diagnóstico de um Brasil que precisava de uma Marcha para o Oeste.

Quem estudou muito bem isso, foi o Alcir Lenharo em *A Sacralização da Política*, onde examina detidamente a Marcha para o Oeste de Vargas. Segundo este autor a imagem da Marcha no Brasil é retórica, mítica e também épico-cinematográfica. Lenharo compara a Marcha no Brasil com os Westerns de Hollywood. Diz o autor sobre o esforço do regime autoritário de Vargas e as imagens da Marcha. "O regime lança mão de recursos-reforço como o da Marcha para Oeste, imagem cinematográfica espetacular de todo um povo unido na construção de si mesmo, respondendo solidariamente a seus problemas e participando ativamente da obra de integração. É interessante observar que a imagem-recurso de um povo em marcha não é inédita. O cinema norte-americano já popularizara em extremo o sentido épico e patriótico dos colonos atirados à conquista do Oeste ao alargamento da sua Nação. O cinema dispunha de um enfoque maniquesta, propício à reconstrução de façanhas similares. De outro lado, a Marcha para Oeste trabalhava uma dimensão positiva para o país - a da fraternidade e solidariedade"¹⁰.

Dessa maneira, podemos afirmar que a revista *Seleções* quando entrou no Brasil em 1942, encontrou um "terreno fértil" para recebê-la. O ambiente cultural da época, veiculado principalmente nos meios de comunicações de massa era semelhante ao que apresentava a revista *Seleções do Reader's Digest*. Este era o caso primeiro da revista *O Cruzeiro* e depois da revista *Manchete* que mostravam, não só o Brasil como desconhecido, mas também apresentavam os Estados Unidos como modelo a ser seguido¹¹. Assim, podemos dizer que *Seleções* encontrava aqui um imaginário receptivo às suas idéias e reconstruía e reforçava este mesmo imaginário. Associava-se o Brasil não ao ambiente cultural latino-americano, mas à modernidade e à sociedade de consumo norte-americana.

⁹ Ver RICARDO, Cassiano. *A Marcha para o Oeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940

¹⁰ LENHARO, Alcir. *A Nação em Marcha In: A Sacralização da Política Campinas*, Papirus/Ed. Unicamp, 1986, p 74.

¹¹ Ver o trabalho de BAITZ, Rafael. *Um Continente em Foco. A Imagem Fotográfica da América Latina nas Revistas Semanais Brasileiras (1954-1964J. SP, Dissertação de Mestrado apresentada no Deptº. de História da FFLCH - USP. 1998.*